

RAIMUNDO LENILDE DE ARAÚJO
MARIA FRANCINEILA PINHEIRO DOS SANTOS
CRISTINA MARIA COSTA LEITE
MARCILEIA OLIVEIRA BISPO
CLÉZIO DOS SANTOS
(ORG.)



FORMAÇÃO DOCENTE

ENSINO DE GEOGRAFIA E O LIVRO DIDÁTICO



SER
TÃO
CULT



Raimundo Lenilde de Araújo
Universidade Federal do Piauí (UFPI)



Maria Francineila Pinheiro dos Santos
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)



Cristina Maria Costa Leite
Universidade de Brasília (UnB)



Marcileia Oliveira Bispo
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



Clézio dos Santos
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
(UFRRJ)

FORMAÇÃO DOCENTE

ENSINO DE GEOGRAFIA E O LIVRO DIDÁTICO

RAIMUNDO LENILDE DE ARAÚJO
MARIA FRANCINEILA PINHEIRO DOS SANTOS
CRISTINA MARIA COSTA LEITE
MARCILEIA OLIVEIRA BISPO
CLÉZIO DOS SANTOS
(ORG.)

FORMAÇÃO DOCENTE

ENSINO DE GEOGRAFIA E O LIVRO DIDÁTICO

Sobral-CE
2021



Formação docente, ensino de geografia e o livro didático

© 2021 copyright by Raimundo Lenilde de Araújo, Maria Francineila Pinheiro dos Santos, Cristina Maria Costa Leite Marcileia Oliveira Bispo e Clézio dos Santos, (ORGs.)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial de Geografia

Alberto Pereira Lopes

Alisson Slider do Nascimento de Paula

Ana Paula Pinho Pacheco Gramata

Antonio Adílio Costa da Silva

Francisco Ari de Andrade

Irineu Soares de Oliveira Neto

Isorlanda Caracristi

Marcelo de Oliveira Moura

Maria Artemis Ribeiro Martins

Paulo Rogério de Freitas Silva

Paulo Sérgio Cunha Farias

Sandra Liliانا Mansilla

Vanda Carneiro de Claudino Sales

Virginia Célia Cavalcante de Holanda

Revisão

Danilo Ribeiro Barahuna

Diagramação

Francisco Taliba

Capa

Francisco Taliba

Catálogo

Leolph Lima da Silva - CRB3/967

F723	Formação docente, ensino de geografia e o livro didático / Raimundo Lenilde de Araújo ... [et al.]. (Organizadores.). – Sobral, CE: Sertão Cult, 2021. 526p. ISBN: 978-65-87429-99-1 - e-book - pdf ISBN: 978-85-67960-39-5 - papel Doi: 110.35260/87429991-2021 1. Formação docente. 2. Ensino de Geografia. 3. Geografia- Didática. 4. Geografia- Livro didático. 5. Geografia- Docência. I. Araújo, Raimundo Lenilde de. II. Santos, Maria Francineila Pinheiro dos. III. Leite, Cristina Maria Costa. IV. Bispo, Marcileia Oliveira. V. Santos, Clézio. VI. Título.
------	--

CDD 371.3
371.12



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Sumário

APRESENTAÇÃO 11

Doi: 10.35260/87429991p.17-30.2021

AFINAL, PARA QUEM SERVE A REFORMA DO ENSINO MÉDIO? 17

ALCINÉIA DE SOUZA SILVA

Doi: 10.35260/87429991p.31-44.2021

AUTORES DE LIVROS PARA PROFESSORES DE GEOGRAFIA ENTRE OS ANOS DE 1920 E 1940..... 31

JANETE REGINA DE OLIVEIRA

Doi: 10.35260/87429991p.45-54.2021

BIOMA CAATINGA: ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE PATOS-PB 45

TELMA GOMES RIBEIRO ALVES

ROSEMERI MELO E SOUZA

DIÓGENES FÉLIX DA SILVA COSTA

Doi: 10.35260/87429991p.55-67.2021

CIÊNCIA DA MORFOLOGIA DE GOETHE: O ARQUÉTIPO E A FORMAÇÃO EPISTEMOLÓGICA E METODOLÓGICA DA GEOGRAFIA 55

ANTONIO CARLOS VITTE

Doi: 10.35260/87429991p.69-82.2021

CRIAÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS PARA UM ENSINO DE GEOGRAFIA INTERATIVO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS ESCOLAS..... 69

JAQUELINE MACHADO VIEIRA

REINALDO DOS SANTOS

Doi: 10.35260/87429991p.83-97.2021

DECOLONIALIDADE E ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA RELEITURA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO 83

RODRIGO CAPELLE SUESS

ALCINÉIA DE SOUZA SILVA

Doi: 10.35260/87429991p.99-113.2021

**DOCÊNCIA COMPARTILHADA E ENSINO DE GEOGRAFIA:
REFLEXÕES E PRÁTICAS NA REDE MUNICIPAL
DE ENSINO DE SÃO PAULO/SP99**

ALEX MARIGHETTI

Doi: 10.35260/87429991p.115-127.2021

**EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E AMBIENTAL: PROPOSTAS E
DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE NO MUNICÍPIO
DE CORUMBATAÍ-SP 115**

ÉDER RODRIGO VARUSSA

Doi: 10.35260/87429991p.129-143.2021

**EDUCAÇÃO, LIVRO DIDÁTICO E O PROFESSOR CRÍTICO-
REFLEXIVO: POSSIBILIDADE DE RESSIGNIFICAR A
PRÁTICA DOCENTE..... 129**

HUGO DE CARVALHO SOBRINHO

Doi: 10.35260/87429991p.145-159.2021

**ENSINO DE GEOGRAFIA A PARTIR DO LOCAL: O CASO DA
EXPANSÃO URBANA NA ZONA SUL DE ILHÉUS/BA 145**

ELISÂNGELA ROSEMERI MARTINS SILVA

Doi: 10.35260/87429991p.161-174.2021

**ENSINO DE GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO DO CAMPO:
FORTALECIMENTO E (RE)CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO
CAMPONÊS 161**

EDUARDO HENRIQUE MODESTO DE MORAIS

Doi: 10.35260/87429991p.175-187.2021

**ENSINO DE GEOGRAFIA E REALIDADE SOCIOESPACIAL
NAS CIDADES CAPITALISTAS: CONDIÇÕES DESIGUAIS,
ACESSO À MORADIA E PRECARIIDADE DO HABITAR... 175**

GILSELIA LEMOS MOREIRA

Doi: 10.35260/87429991p.189-201.2021

**ESTATUTO DA CIDADE COMO TEMÁTICA PEDAGÓGICA
NOS LIVROS DIDÁTICOS..... 189**

RICARDO JOSÉ GONTIJO AZEVEDO

Doi: 10.35260/87429991p.203-213.2021

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA NA
USP PARA O ENSINO SECUNDÁRIO DA ESCOLA
PAULISTA (1934-1960) 203**

MÁRCIA CRISTINA DE OLIVEIRA MELLO

Doi: 10.35260/87429991p.215-228.2021

GEOGRAFIA URBANA PARA O 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: O ESPAÇO URBANO DO DF E ENTORNO COMO POSSIBILIDADE DE REFERÊNCIA AO ENSINO NOS LIVROS DIDÁTICOS..... 215

RICARDO CHAVES DE FARIAS
MARIANA REZENDE SOUZA

Doi: 10.35260/87429991p.229-240.2021

IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO DOCENTE ACERCA DO LUGAR DO/A ESTUDANTE: O ENSINO DA GEOGRAFIA PARA A EMANCIPAÇÃO HUMANA..... 229

HENRIQUE RODRIGUES TORRES

Doi: 10.35260/87429991p.241-251.2021

LICENCIATURAS DE GEOGRAFIA NO ESTADO DE SÃO PAULO: MOVIMENTOS HISTÓRICOS, PROCESSOS FORMATIVOS E PERSPECTIVAS 241

ANDRÉ LUÍS MESSETTI CHRISTOFOLETTI
DIEGO CORREA MAIA

Doi: 10.35260/87429991p.253-265.2021

METODOLOGIAS APLICADAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA O EDUCANDO SURDO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE TERESINA-PI..... 253

ELAYNE CRISTINA ROCHA DIAS

Doi: 10.35260/87429991p.267-281.2021

MOBILIDADE E PRECARIZAÇÃO DOCENTE NA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO..... 267

GLEYCE ASSIS DA SILVA BARBOSA

Doi: 10.35260/87429991p.283-294.2021

MODELOS DE SIMULAÇÕES: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA SIGNIFICATIVA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA..... 283

ALEXANDRE DOS SANTOS DA ROSA

Doi: 10.35260/87429991p.295-308.2021

NOVO ENSINO MÉDIO E OS DESAFIOS NA PRÁTICA DOCENTE NAS ESCOLAS LOCALIZADAS NO CAMPO DO MUNICÍPIO DE JATAÍ/GO..... 295

TATIANE RODRIGUES DE SOUZA
EVANDRO CÉSAR CLEMENTE

Doi: 10.35260/87429991p.309-322.2021

**OBSTÁCULOS EPISTEMOLÓGICOS NA CONSTRUÇÃO
DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO 309**

LEONARDO FERREIRA FARIAS DA CUNHA
ALCINÉIA DE SOUZA SILVA

Doi: 10.35260/87429991p.323-339.2021

**PARA BOM PROVIDOR UMA PLATAFORMA MOODLE
BASTA: ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS
VIRTUAIS NA FORMAÇÃO EM EaD 323**

DÉBORA GASPAS SOARES

Doi: 10.35260/87429991p.341-354.2021

**POLÍTICAS PÚBLICAS DE FORMAÇÃO DOCENTE EM NÍVEL
SUPERIOR DO PRONERA E PROCAMPO:
CEGEO E LEDUC 341**

RODRIGO SIMÃO CAMACHO

Doi: 10.35260/87429991p.355-368.2021

**POR UMA BASE DE CONHECIMENTOS DOCENTES: AS
CONTRIBUIÇÕES DE L. S. SHULMAN NA DISCUSSÃO DO
PROFISSIONAL PROFESSOR DE GEOGRAFIA 355**

VALÉRIA RODRIGUES PEREIRA
CLAUDIVAN SANCHES LOPES

Doi: 10.35260/87429991p.369-383.2021

**PRÁTICAS DE CARTOGRAFIA E ASTRONOMIA EM SALA DE
AULA: TRAJETÓRIA FORMATIVA DURANTE UM ESTÁGIO
SUPERVISIONADO DE GEOGRAFIA 369**

DIEGO MAGUELNISKI

Doi: 10.35260/87429991p.385-399.2021

**PRÁTICAS FORMATIVAS E DIFERENTES ESTRATÉGIAS
PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS 385**

DIEGO CORREA MAIA
ANA CLAUDIA NOGUEIRA MAIA

Doi: 10.35260/87429991p.401-412.2021

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA:
ANÁLISES DA CONTEMPORANEIDADE 401**

ÂNGILENE DE FÁTIMA FERREIRA ANDRADE

Doi: 10.35260/87429991p.413-424.2021

**RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO E PENSAMENTO ESPACIAL:
UMA ANÁLISE APLICADA À BASE NACIONAL COMUM
CURRICULAR – ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS 413**

DENISE MOTA PEREIRA DA SILVA

Doi: 10.35260/87429991p.425-438.2021

**REFLEXÕES SOBRE O USO DA TECNOLOGIA DA
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: OBSTÁCULOS NA
PRÁTICA DOCENTE..... 425**

ANA PAULA PINHO PACHÊCO GRAMATA

Doi: 10.35260/87429991p.439-452.2021

**O SABER EXPERIENCIAL NO CONTEXTO DAS
POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL
DO DOCENTE EM GEOGRAFIA 439**

BALTASAR FERNANDES GARCIA FILHO

Doi: 10.35260/87429991p.453-466.2021

**TENDÊNCIAS DA PESQUISA GEOGRÁFICA:
O USO DA CATEGORIA PAISAGEM NOS TRABALHOS
DO EGAL (1987 A 2017)..... 453**

LARISSA DONATO

BRUNA MORANTE LACERDA MARTINS

Doi: 10.35260/87429991p.467-478.2021

**USO DO LIVRO DIDÁTICO E O AGRINHO:
UMA COMPREENSÃO DO ESPAÇO AGRÁRIO
A PARTIR DO LUGAR..... 467**

THIARA GONÇALVES CAMPANHA

APRESENTAÇÃO

A pesquisa em Geografia, nos núcleos de pós-graduação das universidades brasileiras, cresceu expressivamente no início do Século XXI em decorrência da implementação de políticas públicas educacionais voltadas ao ensino superior. Nesse contexto, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE) promoveu, com regularidade, encontros nacionais orientados à divulgação científica na área e a decorrente discussão dessa.

Historicamente a ANPEGE promoveu treze Encontros Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia - ENANPEGE (desde 1995), eventos que mobilizaram centenas de pesquisadores para a apresentação/discussão de suas pesquisas em grupos de trabalhos temáticos associadas às grandes áreas da ciência geográfica: Geografia Física, Geografia Humana e Ensino de Geografia. Nesse escopo merece destaque a inserção das questões relativas ao ensino, aprendizagem e formação de professores de Geografia, que apareceu pela primeira vez em 2007 no VII ENANPEGE, organizado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), na cidade de Niterói, Rio de Janeiro.

Desse modo, as questões referentes à educação geográfica, denominadas como Ensino de Geografia, foram encaminhadas no âmbito de um grupo temático nos ENANPEGEs dos anos 2007 até 2013, que congregou não somente geógrafos, mas, também, professores de Geografia, que buscavam na qualificação em nível de pós-graduação, a oportunidade para discutir questões relativas à sua prática, formação, problemas, desafios no exercício da profissão, entre inúmeras outras temáticas.

Porém, no contexto das políticas públicas educacionais implementadas ao ensino superior, pode-se afirmar, resumidamente, que o Programa do Governo Federal de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (REUNI) aumentou o número de universidades públicas federais no território nacional, desconcentrando-as para todas as regiões brasileiras; por meio da criação de novos campi de instituições já consolidadas, bem como novas instituições; que resultaram na ampliação da oferta de vagas, para além dos tradicionais centros metropolitanos, em novos cursos e modalidades (presencial e à distância), mas, sobretudo, nas licenciaturas. Do mesmo modo, os programas de pós-graduação foram incrementados com novas linhas de pesquisa, inclusive com a emergência das questões referentes à educação geográfica e resultaram no aumento de pesquisas relacionadas aos temas vinculados à Formação Docente e ao Ensino de Geografia.

Tais situações justificam, em parte, a participação de professores de Geografia da Educação Básica nos eventos promovidos pela ANPEGE, principalmente em virtude de sua participação na pós-graduação, nas temáticas relativas à educação geográfica. Além disso, as questões vinculadas ao tema começaram a consolidar uma nova área de especialização: a Geografia Escolar.

O impacto dessa situação é visível quando se analisa a quantidade de grupos de trabalho nos encontros nacionais organizados pela ANPEGE. De 1 grupo criado no VII ENANPEGE em Niterói/RJ em 2007, passamos para 6 grupos de trabalho (GTs) em 2019. São eles: Cartografia Escolar; Educação Geográfica e Formação de Professores; Ensino de Geografia; Formação Docente, Ensino de Geografia e o Livro Didático; Linguagens e Educação Geográfica, e Teoria e Método na Educação Geográfica. Há de se ressaltar, também, que o número de inscritos nos grupos da educação é significativo e atestou um crescimento paulatino e progressivo de pesquisadores, o que evidencia a importância crescente da temática, nos fóruns nacionais de pesquisa em Geografia.

A organização dos Grupos de Trabalho (GTs) tem por objetivo garantir a pluralidade dos diferentes grupos de pesquisa e dos diferentes programas de pós-graduação, bem como estabelecer uma rede interinstitucional como forma de subsidiar o fortalecimento de redes de pesquisa em Geografia no país. Dessa forma, o GT 16 se constitui em uma rede a partir da afinidade de pesquisa e afinidade temática, ou seja, uma rede não institucionalizada, mas uma rede de várias perspectivas da Formação Docente e do Ensino de Geografia.

Atentos a esse movimento, foi proposto em 2017 o GT Formação Docente, Ensino de Geografia e o Livro Didático, que ocorreu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na edição subsequente, foi mantida a proposta e novos pesquisadores passaram a compor o Grupo de Trabalho, que fez parte da programação do XIII ENANPEGE, organizado na Cidade Universitária da Universidade de São Paulo, USP, em São Paulo/SP.

Em 2019, o GT - Formação Docente, Ensino de Geografia e o Livro Didático propôs a análise das distintas relações e articulações entre a formação docente em Geografia e a Geografia Escolar, assim

como a inter-relação entre o ensino de Geografia e a utilização do livro didático, no âmbito da Educação Básica.

Além disso, foi realizada a discussão acerca dos Projetos pedagógicos nos cursos de licenciatura em Geografia e suas implicações na formação inicial docente, bem como a análise da formação de professores a partir de referenciais teóricos afins, concepções curriculares contemporâneas e a legislação brasileira destinada a esse processo, em especial a BNCC e as novas orientações ao Ensino Médio.

Nesse contexto, discutiu-se a importância e os desafios do estágio supervisionado para a formação inicial comprometida com os anseios da docência na contemporaneidade, além da prática profissional dos professores de Geografia da educação básica e os novos desafios dessa profissão. Mas, também, foi pensado a discussão sobre o livro didático, seu papel no ensino de Geografia e sua prevalência como um dos principais recursos didáticos utilizados no ensino dessa disciplina. A utilização do Livro Didático em tablets, e-books e similares.

Na atualidade, os distintos recursos didáticos encontram-se disponíveis por meio de aplicativos e mídias digitais, os quais vem sendo cada vez mais utilizados na Geografia Escolar. Vale salientar que esses recursos possibilitam diversos caminhos a serem trilhados na formação inicial e continuada, propiciando um processo de ensino aprendizagem que visa atender às demandas do mercado e o desenvolvimento do conhecimento científico e acadêmico.

Assim, dada a qualidade técnica dos trabalhos apresentados e movidos pela necessidade de fortalecer a discussão sobre a Formação Docente, o Ensino de Geografia e o Livro Didático, foi sugerido e decidido pela comissão organizadora do GT a organização de um livro com a intenção de incentivar os novos pesquisadores por meio da publicação de seus artigos, ou seja, aqueles apresentados no XVIII ENANPEGE, em São Paulo, 2019, e fomentar ainda mais a

rede com novas perspectivas de Formação Docente, do Ensino de Geografia e do Livro Didático em âmbito nacional, com a reunião de publicações de diversos grupos de pesquisas, em diferentes linhas de Ensino de Geografia nos Programas de Pós-Graduação em Geografia de Universidades localizadas em todas as regiões brasileiras. Este livro e seus respectivos capítulos exprimem as inúmeras abordagens do complexo teórico e metodológico que envolve a pesquisa acadêmica e a discussão de temas relacionados com a Formação Docente, o Ensino de Geografia e o Livro didático e que são fundamentais para a compreensão da Geografia Escolar.

Boa leitura!

Prof. Dr. Raimundo Lenilde de Araújo (UFPI)

Profa. Dra. Maria Francineila Pinheiro dos Santos (UFAL)

Profa. Dra. Cristina Maria Costa Leite (UnB)

Profa. Dra. Marcileia Oliveira Bispo (UFT)

Prof. Dr. Clézio dos Santos (UFRRJ)

GT Formação Docente, Ensino de Geografia e o Livro Didático

TENDÊNCIAS DA PESQUISA GEOGRÁFICA: O USO DA CATEGORIA PAISAGEM NOS TRABALHOS DO EGAL (1987 A 2017)

Larissa Donato

E-mail: donato.lari@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6207004822189656>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9661-7504>

Bruna Morante Lacerda Martins

E-mail: brunamorante@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8846408662922737>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8490-2241>

Introdução

Os eventos científicos têm se demonstrado como canal de comunicação da produção científica brasileira. No caso da Geografia, as pesquisas realizadas por Suertegaray e Nunes (2001), Teixeira e Silva (2013) e Melo e Matias (2014) apresentam-se como referências de metodologia para realizar o “estado de conhecimento” de determinada área, tema e/ou categorias de análises de pesquisas. O estudo intitulado “A Natureza da Geografia Física na Geografia”, por exemplo, realizado por Suertegaray e Nunes (2001), aborda o levantamento comparativo das pesquisas em Geografia Física nos anais do “Encontro Nacional dos Geógrafos” (ENG), organizado pela Associação Nacional dos Geógrafos (AGB) e do “Encontro dos Geógrafos da América Latina” (EGAL) – ambos os eventos reúnem trabalhos de graduandos, professores do ensino básico e superior, pós-graduandos e pesquisadores.

Neste sentido, as autoras deste texto desenvolveram as suas investigações de Doutorado em Geografia, com enfoque para a categoria Paisagem em diferentes perspectivas: natural (CAVALHEIRO, 2000) e cultural (MONBEIG, 1957). Desse modo, é pertinente o interesse em conhecer o cenário das pesquisas em Geografia quanto ao uso da Paisagem como categoria de análise na contemporaneidade a fim de trazer contribuições significativas para a ciência Geográfica.

A inquietação para a construção deste texto surgiu do desdobramento de uma pesquisa realizada anteriormente por Martins e Donato (2018). As autoras fizeram o levantamento na produção científica geográfica acerca da paisagem em âmbito nacional, no caso nos 10º e 12º anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia (ENANPEGE). Os resultados encontrados por Martins e Donato (2018) apontaram que as pesquisas com a categoria Paisagem têm aumentado em âmbito nacional com perspectivas naturais e culturais, além de focarem na análise da epistemologia da ciência e encaminharem preocupações com os processos pedagógicos de disseminação e análise do seu conhecimento. De modo geral, o enfoque para Paisagem cultural também ficou evidente em relação à Paisagem Natural, Epistemológica ou voltada para o Ensino (MARTINS; DONATO, 2018).

Para suscitar novamente o debate do cenário das pesquisas em Paisagem sob a perspectiva geográfica em âmbito internacional, formula-se a seguinte questão: Como se encontra o cenário da produção científica geográfica na América Latina sobre a categoria Paisagem? Neste sentido, o presente texto esteve centrado em reconhecer o uso da categoria Paisagem que faz parte dos trabalhos apresentados nos dezesseis anais do Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL), entre o período de 1987 a 2017.

Além da parte introdutória, o texto está dividido em três partes: na primeira, de forma pormenorizada, inicia-se o pensamento da Paisagem Geográfica; a segunda consiste na explicação da metodologia utilizada no estudo; e, por fim, são apresentados os resultados encontrados no levantamento da Paisagem em foco geográfico de pesquisa.

Discussões sobre o pensamento da Paisagem Geográfica

De acordo com Costa (2017), a categoria Paisagem cresce em número e perspectivas de análise nas últimas décadas na área da Geografia (COSTA, 2017). A Geografia é uma das ciências, que, a partir do final do século XIX, tem se debruçado no estudo da Paisagem como decorrência da ação do homem entre o natural e o cultural, em múltiplas escalas e abordagens, acarretando amplitude em seu próprio termo. Quanto à origem da palavra na literatura geográfica propriamente dita, a palavra “paisagem” apareceu na Europa com várias traduções, tais como *Landschaft* em alemão, *Landscape* em inglês e *Paysage* ou *Pays* em francês (CLAVAL, 2006).

Na língua alemã, o termo *Landschaft* contém uma conotação geográfico-espacial no prefixo “*land*”, diferentemente da Paisagem com significado de cenário encontrado nas artes e na literatura. Os biogeógrafos europeus observaram a Paisagem não apenas como uma visão estética (como a maioria dos arquitetos da Paisagem) ou como parte do ambiente físico (como a maioria dos geógrafos), mas como uma entidade espacial e visual da totalidade do espaço de vida humana, integrando geosfera, biosfera e noosfera – do grego “*noos*”, mente (NUCCI, 2007).

Do ponto de vista científico, as ideias que permeiam a categoria Paisagem surgiram na Alemanha, antiga Prússia, com Alexandre Von Humboldt junto à cientificação da Geografia, no século XIX. Nessa

escola alemã, a Paisagem é vista como um conjunto de agregados de relações diretas e indiretas que, de forma complexa, homogênea ou não, coincidem na globalidade onde o homem é parte integrante da natureza que vive graças à troca contínua de formas e movimentos. A Paisagem é, então, cíclica, integrada e dinâmica (BOLÓS I CAPDEVILA, 1992).

Tradicionalmente, os geógrafos diferenciam entre a Paisagem Natural e a Paisagem Cultural. A Paisagem Natural refere-se aos elementos combinados de terreno, vegetação, solo, hidrografia, clima, mesmo com a presença do homem, porém pouco modificada; enquanto a Paisagem Cultural, humanizada, inclui todas as modificações feitas pelo homem, como nos espaços urbanos e rurais. De modo geral, o estudo da Paisagem exige um enfoque do qual se pretende fazer uma avaliação definindo o conjunto dos elementos envolvidos, a escala a ser considerada e a temporalidade na Paisagem. Enfim, trata-se da apresentação do objeto em seu contexto geográfico e histórico, levando em conta a configuração social e os processos naturais e humanos.

Para a Geografia, a Paisagem é categoria base das inter-relações desses elementos naturais, em que o homem, muitas vezes, faz-se presente e torna-se interdependente como todos os elementos (TROPPEMAIR, 2008). Nesse sentido, e por acreditar que os sistemas naturais têm uma dinâmica cíclica biogeográfica que realizam sua própria regularização físico-química, este artigo busca os dados de estudo sobre as Paisagens, uma vez que estes se preocupam com o avanço desenfreado das atividades humanas sobre os sistemas naturais.

Segundo Ab'Saber (2003), a Paisagem atual é uma herança de reflexo das formas e dos processos atuantes nas compartimentações locais, ou seja, toda ação humana causa reação na Paisagem e

torna-se elemento majoritário de influência real. As nações herdaram paisagens e as modificaram no decorrer dos anos, muitas vezes sem se preocupar com os avanços negativos dessas modificações; por esse motivo, seu estudo é importante.

Na perspectiva da Paisagem Cultural, busca-se, nas balizas teóricas de Monbeig (1957), compreender que a pesquisa geográfica parte da análise do complexo de fatos formado por um conjunto de elementos interligados reagindo uns sobre os outros. O pesquisador rastreia os elos dos fenômenos estudados, que fazem do complexo como um organismo vivo. A categoria Paisagem possibilita esse processo para desenvolver esta ideia, nas palavras do autor:

Este exprime antes de tudo na paisagem, a qual, formada una e indissolúvelmente pelos elementos naturais e pelos trabalhos dos homens, é a representação concreta do complexo geográfico. Por esta razão o estudo da paisagem constitui a essência da pesquisa geográfica (MONBEIG, 1957, p. 11).

Portanto, este movimento de transformação da Paisagem Natural para a Paisagem Cultural, que, na visão de Ab'Saber (2003), são os elementos naturais, por exemplo, circunscrevem as áreas do território brasileiro, como a visão detalhada da depressão pantaneira, os ecossistemas amazônicos e a fachada atlântica costeira do país. E a Paisagem, como um todo, refere-se a um legado. “Na verdade, ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades” (AB’SABER, 2003, p. 234).

Sauer (1998), pertencente à Escola Berkeley da Universidade da Califórnia, assinala que existe uma relação primeira de separação do natural com o cultural, sendo que o homem atua como sujeito de transformação na apropriação da Paisagem:

Não podemos formar uma ideia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas ao espaço. Ela está em um processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição. Assim, no sentido corológico, a alteração da área modificada pelo homem e sua apropriação para o seu uso são de importância fundamental. A área anterior à atividade humana é representada por um conjunto de fatos morfológicos. As formas que o homem introduziu são um outro conjunto (SAUER, 1998, p. 42).

A ideia de Paisagem na perspectiva de Sauer (1998) liga-se ao plano temporal, aquele da construção de interferências e continuidades, como resultado da ação dos agentes culturais, que a sociedade humana realiza a partir da natureza em um processo inacabado sob múltiplas formas de uso, seja por meio do morar, do comer, do cheirar, do sentir, do lazer e do trabalhar. Para Sauer (1998, p. 59), “A cultura é o agente, e área natural é o meio, e Paisagem cultural é o resultado”, portanto, uma manifestação da cultura no espaço. Consideramos que a Paisagem cultural equivale a um conjunto de elementos produzidos por meio de um processo histórico de vivências, que assinalam as ressignificações da interação entre os grupos sociais e a natureza.

Ao estudar a categoria Paisagem cultural encontramos em Berque (1998) importantes considerações para apreendê-la como “marca” e “matriz” do estudo geográfico. Primeiramente, o autor afirma que o ponto de partida está na descrição e inventariação da Paisagem, olhar para além do que a vista alcança, ou seja, ultrapassar o sentido concreto da imagem, considerada como marca de processos anteriores. Em segundo lugar, analisá-la como matriz de experiências e valores adquiridos entre a sociedade e a natureza, que implica em uma relação espaço-tempo no desenvolvimento de fatores físicos, culturais e sociais.

Metodologia

O presente trabalho teve como base metodológica o processo documental de pesquisa exploratória, que leva em consideração a análise de dados quantitativos relacionados ao uso da categoria Paisagem nos trabalhos de pesquisas de Pós-Graduação em Geografia no Brasil. Para tal, utilizou-se como suporte a pesquisa intitulada “A Natureza da Geografia Física na Geografia”, publicada na Revista Terra Livre por Suertegaray e Nunes (2001). O estudo das autoras analisou as pesquisas realizadas em Geografia Física em dois eventos de socialização de pesquisas geográficas: Encontro Nacional dos Geógrafos (ENG) e o Encontro dos Geógrafos da América Latina (EGAL).

Assim, os procedimentos adotados referem-se ao reconhecimento da categoria Paisagem apresentados nos dezesseis anais do Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL), entre o período de 1987 a 2017. A seleção da base de dados está concentrada na disponibilidade dos anais em sites de domínio público. Sendo assim, optou-se por realizar a busca integralmente em todas as edições deste evento de socialização de pesquisas geográficas. Apesar de existir desde 1987, a décima e a décima primeira edição foram encontradas parcialmente, assim, não foram tabulados para evitar falha metodológica no número de publicações.

De forma geral, os trabalhos foram selecionados quanto à presença do termo “Paisagem” e/ou “Paisagens” nos títulos dos textos publicados nos anais. Para garantir a veracidade e os procedimentos metodológicos reais de acesso a informações concretas, com o menor índice de falhas, foram contabilizados apenas trabalhos que continham o termo “Paisagem” e/ou “Paisagens” em seus títulos e acessados no site oficial de divulgação do evento/anais. Ponderou

que outros trabalhos se referiram a esta categoria, porém, sem citá-las diretamente no título. Dessa forma, não foram aqui analisados por se acreditar que tais trabalhos não têm a categoria Paisagem como o foco de análise, mas somente como base sistemática de pesquisa.

Posteriormente à contabilização dos dados, foram distinguidos em quatro vertentes: Paisagem Natural; Paisagem Cultural; Paisagem em Ensino; e Paisagem e Epistemologia. O conceito de paisagem é diversificado pelo fato de ser utilizado em diversas áreas das ciências, envolvendo, muitas vezes, questões de percepção, abstrações e estética. Dentre as inúmeras perspectivas geográficas, para este estudo adotam-se as seguintes balizas conceituais:

a) A Paisagem Natural – para Mateo Rodríguez (2007), é quando a interface entre Natureza e Sociedade expressa menor nível de modificações gerido e articulado por processos mais ou menos brutos, mantendo suas características físicas naturais e locais. É considerada por este autor como palco das relações sociedade e natureza;

b) A Paisagem Cultural – segundo Monbeig (1957), configura-se como uma representação do complexo geográfico, já que condiz com a ação dos homens sobre os elementos morfológicos. A partir da metáfora escolhida pelo autor, “espelho da civilização” significa pensar a maneira pela qual o homem tem construído o seu modo de ser no mundo, no sentido material e subjetivo. Assim, determinadas paisagens apresentam, na sua configuração, marcas culturais e recebem, assim, uma identidade;

c) A vertente Paisagem em Ensino – direciona-se aos trabalhos que não analisam a Paisagem propriamente dita, mas

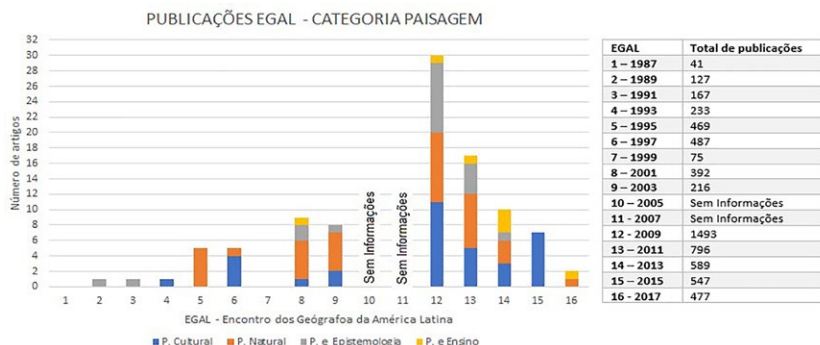
sim, como esta categoria (Natural e/ou Cultural) é trabalhada nos livros didáticos ou ações pedagógicas. Já na vertente de Paisagem e Epistemologia, foram enquadrados os artigos que discutem a correlação da categoria como parte da Ciência Geográfica, ou ainda, suas diferentes concepções – inclusive relatos entre Paisagens cultural e natural, sem foco direcionada a uma delas.

Quando a leitura do título expressava dúvida em relação às vertentes, o trabalho era lido na íntegra para evitar qualquer falha na pesquisa. Na sequência, foi calculado o número de trabalhos que tem como foco de pesquisa principal a Paisagem relacionada aos números gerais de trabalhos publicados em cada ano deste evento em questão.

Resultados

Posteriormente à tabulação e análise das publicações apresentadas nos dezesseis anais do Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL), entre o período de 1987 a 2017, com uso da categoria Paisagem, foi possível encontrar 97 textos: 1,6% do total de 6.109 publicações gerais em Geografia, sendo que 36 (37,2%) deles se enquadram em Paisagem Natural; 34 (35%) em Paisagem Cultural; 19 (19,6%) em Paisagem e Epistemologia; e 7 trabalhos (7,2%) ligados à linha de Paisagem e Ensino, conforme demonstra a figura 1:

Figura 1 – Publicação EGAL 1987 a 2017.



Fonte: Organizado pelas autoras (2019).

O evento iniciou-se no ano de 1987 no Brasil, em São Paulo, com um número considerado pequeno de publicações – ao todo foram 41 publicações, no entanto, até a edição de número seis, que foi realizada na Argentina, no ano de 1997, o número de publicações tornou-se crescente, tanto em quantidade geral, quanto na perspectiva deste trabalho relacionado à Paisagem. Na sétima edição do EGAL, em Porto Rico, o número de publicações voltou a ser baixo, com apenas 75 trabalhos ao todo e sem representatividade na categoria Paisagem. Já no evento seguinte, em 2001, no Chile, o número de publicações gerais foi 5 vezes maior que no ano anterior, com 9 publicações voltadas para categoria Paisagem.

O ano com maior número de publicações, tanto na perspectiva da Paisagem, quanto dos demais assuntos geográficos, foi em 2009, na décima segunda edição do EGAL, realizado no Uruguai. Após essa edição, o número de participações foi decaindo a cada ano, chegando a 477 publicações no ano de 2017 na Bolívia.

O primeiro encontro ocorreu em 1987, no município de Águas de São Pedro, sendo fruto das iniciativas do grupo de pesquisa coordenado pelo professor doutor Antônio Olívio Ceron, da Universidade Estadual de São Paulo. Na ocasião, participaram um

número pequeno de geógrafos oriundos da “Argentina (25 pessoas), Uruguai (1), Venezuela (1), México (1), Costa Rica (1) e do Brasil um número maior (109)” (ARROYO, 2005, p. 120).

No que concerne às publicações acerca da Paisagem, não foi encontrada nenhuma do total de 41 trabalhos que compõem os anais do encontro. A justificativa para tal resultado refere-se ao desenvolvimento da trajetória da categoria Paisagem diante da preocupação dos estudos geográficos daquele contexto em específico.

De acordo com Claval (2006), nos anos de 1990, a disciplina assistia a sua “virada cultural” para os estudos humanistas, já que anteriormente a abordagem epistemológica esteve pautada no Possibilismo e Determinismo Geográfico. Isso fez com que temas clássicos da Geografia (como a relação sociedade-natureza, a relação cidade-campo, as migrações e as fronteiras, entre outros) fossem revisitados, ao mesmo tempo em que fossem lançadas novas bases de abordagens e temáticas.

A trajetória das publicações dos anais analisados sobre Paisagem segue o contexto maior em que está inserida. De forma geral, observa-se que a categoria obteve uma atenção maior a partir do EGAL de número 5 (469 trabalhos), sendo que o seu ápice ocorreu nos anos de 2009, no EGAL de número 12 (1493), e decrescendo até contemplar a última edição de número 16 (477).

Considerações finais

Os eventos de Geografia aqui analisado é frequentado por pesquisadores, professores e estudantes de todos os níveis relacionados a essa ciência. Diversos países da América Latina, principalmente da América do Sul, têm representatividade no evento. Mediante a pesquisa realizada, foi possível concluir que,

relacionado à categoria Paisagem, os países com maior número de pesquisas são: Brasil (85), Cuba e Argentina (5 trabalhos cada), Uruguai e Costa Rica (1 trabalho cada).

Vale ressaltar que o Brasil é o país com maior número de inscritos e com publicações em todos os anos dos eventos em questão. Isso se dá pelo fato de que, além de ser territorialmente maior que os demais, têm maior número de universidades e cursos de Geografia ligados à área de atuação e pesquisa. Nota-se que também quando o local do evento é atrativo turisticamente, envolve o maior número de trabalhos e participantes em geral.

Por fim, assim como o número geral de publicações nos anais desses eventos, a categoria Paisagem foi tomando número e proporção cada vez maiores, tendo ápice de trabalhos em 2009 na décima segunda edição do EGAL, passando por uma diminuição até o ano de 2017. A classe da categoria voltada para estudos de relações culturais e naturais são mais evidentes se comparadas às temáticas de ensino e de epistemologia. A décima sétima edição já foi realizada no ano de 2019 no Equador, porém, os anais não estão disponíveis para recolhimento.

Referências

AB'SABER, A. **Os domínios de natureza no Brasil: Potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ARROYO, Monica. **Revista Cadernos PROLAM/USP**, ano 4, vol. 1, 2005, p. 119-123, 2005.

BERQUE, A. Paisagem-marca, Paisagem-matriz: Elementos da problemática para uma Geografia cultural. *In*: CORRÊA; ROSENDAHL (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BOLÓS I CAPDEVILA, M. **Manual de ciencia del paisaje**. Barcelona: Masson, 1992.

CAVALHEIRO, F. Urbanização e Alterações ambientais. *In*: NUCCI, D; SANTOS, J. (Org.). **Paisagens Geográficas: um tributo a Felisberto Cavaleiro**. Campo Mourão: Editora da FECILCAM, 2009.

CLAVAL, P. **A Geografia cultural**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006.

COSTA, F. **Geografia: correntes de pensamento e conceitos**. Curitiba: Editora CRV, 2017.

MARTINS, Bruna Morante. DONATO, Larissa. Anais do 2018 O USO DA CATEGORIA PAISAGEM NAS ANÁLISES GEOGRÁFICAS: Publicações do ENANPEGE - 2013 e 2017. **Anais do IV Encontro Regional de Geografia. XXVI Semana de Geografia: geotecnologias no mercado de trabalho do geógrafo / coordenador geral Américo José Marques**. – Maringá, PR: UEM-DGE, 2018.

MATEO RODRÍGUEZ, J. M. **Aportes para la formulación de una teoría geográfica de la sostenibilidad ambiental**. Tese (Doutorado em Ciências) da Faculdade de Geografia da Universidade de Habana, Cuba, 2007.

MELO, S.; MATIAS, L. A Geografia do crime e da violência no Brasil entre 2017 a 2015. **Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE)**, v. 12, n. 19, jul./dez., p. 146-165, 2014.

MONBEIG, P. **Novos estudos da Geografia humana brasileira**. São Paulo: Difusão Europeia, 1957.

NUCCI, D. Origem e Desenvolvimento da Ecologia e da Ecologia da Paisagem. **Revista Eletrônica Geografar**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 77-99, jan./jun., 2007.

SAUER, O. A morfologia da paisagem. *In*: CORRÊA, R; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SUERTEGARAY, D.; NUNES, J. A natureza da Geografia física na Geografia. **Revista Terra Livre**, v. 2, n. 17, p. 11-24, jul./dez. 2001.

TEIXEIRA, V.; SILVA, M. Geografia política: disseminação da produção científica nos Anais do ENG e da ANPEGE. **Revista Geonorte**, v. 4, n. 12, jul./dez., 2013.

TROPPMAIR, H. **BioGeografia e Meio Ambiente**. Rio Claro: Dursa, 2008.



Este livro foi composto em fonte Adobe Garamond Pro, impresso no formato
15 x 22 cm em pólen 80 g/m², com 510 páginas e em e-book formato pdf.
Impressão e acabamento: Gráfica Bueno Teixeira
Agosto de 2021.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Este livro e seus respectivos capítulos exprimem as inúmeras abordagens do complexo teórico e metodológico que envolve a pesquisa acadêmica e a discussão de temas relacionados com a Formação Docente, o Ensino de Geografia e o Livro didático e que são fundamentais para a compreensão da Geografia Escolar. Foi organizado com a intenção de incentivar os novos pesquisadores por meio da publicação de seus artigos, ou seja, aqueles apresentados no XVIII ENANPEGE, em São Paulo, 2019, e fomentar ainda mais a rede com novas perspectivas de Formação Docente, do Ensino de Geografia e do Livro Didático em âmbito nacional, com a reunião de publicações de diversos grupos de pesquisas, em diferentes linhas de Ensino de Geografia nos Programas de Pós-Graduação em Geografia de Universidades localizadas em todas as regiões brasileiras.

